

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A CADEIA PRODUTIVA DO PESCADO ARTESANAL NA BAIXADA SANTISTA/SP

*Wilson Moreira Junior<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este texto contribui com informações sobre os pescadores artesanais da Baixada Santista/SP, ao tratar da cadeia produtiva do pescado de quatro comunidades: Sítio Conceiçãozinha, Sítio Cachoeira, Ilha Diana, Vila dos Pescadores. O pescador pode apresentar uma ou diferentes maneiras de escoar sua produção que pode permanecer a mesma, pode transformar-se e, ainda, coexistir simultaneamente ou por um período de tempo e, até mesmo, ao longo da vida. A cadeia produtiva não é estática, ocorrem variações por época do ano, tipo de recurso e oportunidades que aparecem ao longo da vida. O escoamento da produção identificado foi: consumo familiar; doação; escambo; comércio e perdas. Os pescadores apresentaram grande diversidade e adaptabilidade de inserção na cadeia produtiva.

**Palavras chaves:** Cadeia produtiva. Pesca artesanal. Caiçaras. Baixada Santista. Pescado.

**Abstract:** This paper aims to contribute with information about the fishermen in Baixada Santista/SP, dealing with the fishery chain production in four communities: Sítio Conceiçãozinha, Sítio Cachoeira, Ilha Diana and Vila dos Pescadores. The fisherman can present one or different ways of dealing with its production during a period of time or even in a period of life. The production can remain stable or it can change and even co-exist in itself simultaneously. The productive chain is not stable, it can occur variations during the year, referring to different kinds of resources, through the life process and opportunities which may appear. The production flowing was identified by familiar consumption, donation, exchange, trade and losses. The fishermen presented great diversity and suitability in the chain productive insertion.

**Keywords:** Productive chain. Handcraft fishery. Cal fishermen. Baixada Santista. Fishing.

## OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo abordar e descrever, brevemente, os diferentes elos da cadeia produtiva do pescado originário da pesca artesanal na Baixada Santista e demonstrar sua versatilidade em ambientes de grandes conflitos sociais e ambientais.

---

<sup>1</sup> wilmorjr@hotmail.com – Universidade de São Paulo, Licenciatura em Ciências Exatas / SC.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar e descrever, brevemente, os diferentes elos da cadeia produtiva do pescado originário da pesca artesanal na Baixada Santista e demonstrar sua versatilidade em ambientes de grandes conflitos sociais e ambientais.

O escoamento de pescado é elemento revelador da estrutura das relações de produção, porém, não tem traços exclusivos ou estáticos dentro da comunidade e com seus interlocutores. Os grupos apresentam formas diversificadas de escoar a produção, estas não são estanques e podem permanecer estáveis, ou alternarem ou coexistirem entre si. A cadeia produtiva do pescado, além de dar indicações preciosas sobre a estrutura de produção da comunidade, também, indica como esta se relaciona com outros setores da sociedade.

Segundo Silva (2005) a cadeia produtiva pode ser entendida de forma simplificada como um conjunto de elementos que podem ser empresas ou sistemas que interagem no processo produtivo com a finalidade de ofertar produtos ou serviços ao mercado consumidor. O sistema é um conjunto de elementos que se relacionam de acordo com uma lógica com o intuito de alcançar objetivos previamente estabelecidos. Para Gereffi e Korzeniewics (1996) a cadeia produtiva se dá como uma rede de trabalho e processo produtivo que visa a produção de uma mercadoria.

A cadeia produtiva é um conjunto de ações e atores que interagem entre si compondo-se do sistema produtivo, dos fornecedores de insumo e serviços, das indústrias de processamento, distribuidores, comerciantes e consumidores. Esses atores se relacionam entre si dentro de uma lógica que se organiza cronologicamente e segue um fluxo de etapas, o qual segue o produto ou o serviço desde o início de sua preparação até o seu desfecho final que é quando chega ao consumidor. A dinâmica do produto (ou serviço) pode ser representada com o seguinte fluxo: insumos – produção – processamento – comércio atacadista – comércio varejista – consumidor. Isso faz com que haja um fluxo inverso, que é o de capital, que ocorre da seguinte forma: consumidor – comércio varejista – comércio atacadista – processamento – produção – insumo. Estes são influenciados pelos ambientes institucionais e organizacionais (CASTRO et al., 1995; SILVA, 2005).

De acordo com Schultz (2001), a cadeia produtiva de produtos vegetais pode ser compreendida como a ligação e inter-relação de diferentes elementos que seguem uma lógica de oferta no mercado de *commodities* agrícolas *in natural* ou beneficiada. Com base nesse contexto, Silva (2005) escreve que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – (EMBRAPA) adota uma metodologia composta por um sistema constituído basicamente por cinco atores, que são:

- a) fornecedores de insumo: são as empresas que ofertam produtos tais como: sementes, calcário, adubos, herbicidas, fungicidas, máquinas implementos agrícolas e tecnológicos;
- b) agricultores: são os segmentos que usam a terra para a produção de commodities, como a madeira, cereais e oleaginosas. Estas produções são realizadas em sistemas produtivos tipo fazenda, sítios ou granjas;
- c) processadores: são as agroindústrias que pré-beneficiam, beneficiam ou transformam os produtos in natura, como, por exemplo, as de pré-beneficiamento que limpam, secam e armazenam grãos; beneficiamento que padronizam, beneficiam e empacotam produtos como arroz, amendoim, feijão etc.; as indústrias de transformação que processam uma determinada matéria prima e a transformam em um produto para comercializar, como o óleo de soja, cereal matinal, polvilho entre outros;
- d) comerciantes: são os atacadistas, os grandes distribuidores de produtos das redes de supermercados, postos de venda e mercados exteriores, enquanto os varejistas são aqueles comerciantes junto aos consumidores finais;
- e) mercado consumidor: é o elo final da cadeia produtiva, constituído por grupos de consumidores, estes podem ser o mercado nacional ou o internacional.

Os diferentes segmentos da cadeia produtiva são influenciados e, até mesmo, em alguns pontos condicionados pelos ambientes institucionais e organizacionais. Os institucionais são as leis ambientais, trabalhistas, tributários, comerciais, de saúde, as normas, resoluções, instituições normativas e os padrões de comercialização etc. Já o ambiente organizacional compõe de instituições governamentais, financeiras, empresas de pesquisa, agências credenciadas, entre outros (SILVA, 2005; CASTRO et al., 1995; ZYLBERSZTAJN, 1994).

Com base no exposto assume-se neste trabalho que a cadeia produtiva da pesca artesanal é um conjunto formado por ações e agentes que estão entre si relacionados com a produção do pescado que consiste na captura e nas diferentes etapas até chegar ao consumidor final. Estas podem ser as mais simples, como a da captura manual para o próprio consumo, até as mais complexas nas quais as estratégias de pesca se utilizam de artes em que os equipamentos têm origem industrial e a produção passa por uma extensa rede de processamento, distribuição, comercialização até chegar ao consumidor final, nas mais diferentes regiões do Brasil e do mundo.

## MATERIAL E MÉTODOS

## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA

A área de estudo enfocada foi a região metropolitana da Baixada Santista, localizada na região centro-sul do Estado de São Paulo, e integra a 7ª Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRH). Os municípios que compõem a Baixada Santista são: Santos, Bertioga, Guarujá, Praia Grande, São Vicente, Cubatão, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe (Figura 1).



**Figura 1** – Localização da área de estudo no Estado de São Paulo, – indicando os municípios que compõem a baixada Santista, SP (Fonte: [www.cetesb.sp.gov.br](http://www.cetesb.sp.gov.br)).

Para esta pesquisa tomaram-se como base as comunidades de pescadores artesanais, caiçaras e moradores ribeirinhos, de quatro comunidades lineares ao estuário da Baixada Santista, SP, em que a pesca artesanal era uma importante atividade econômica, cultural e de identidade, são elas: Sítio Cachoeira ( $23^{\circ}53'4,92''S$  -  $46^{\circ}9'51,61''W$ ) com o número de dez pescadores ( $N=10$ ), localizada no Canal de Bertioga, Sítio Conceiçãozinha ( $23^{\circ}58'33,91''S$  -  $46^{\circ}17'5,20''W$ ) ( $N=10$ ) no Estuário de Santos, ambas pertencentes ao município de Guarujá; a Ilha Diana ( $23^{\circ}55'2,82''S$  -  $46^{\circ}18'18,07''W$ ) ( $N=10$ ) que se encontra às margens do rio Diana na confluência do Canal de Bertioga com o Estuário de Santos no município de Santos, e a Vila dos Pescadores ( $23^{\circ}55'57,21''S$  -  $46^{\circ}23'38,12''W$ ) ( $N=13$ ) situada às margens do rio Casqueiro, em Cubatão (Figura 2).

Essas comunidades foram eleitas para a presente pesquisa por estarem localizadas em pontos distintos do estuário com diferentes conflitos socioambientais.



**Figura 2** – Complexo Estuarino da Baixada Santista (SP) mostrando as áreas de estudo selecionadas no presente trabalho. Áreas: 1– Sítio Cachoeira; 2 – Ilha Diana; 3 – Vila dos Pescadores; 4 – Sítio Conceiçãozinha (Fonte: <http://www.inpe.br>).

#### BREVE DESCRIÇÃO DAS COMUNIDADES ESTUDADAS

Os seguintes parágrafos apresentam uma breve descrição sobre as comunidades estudadas.

No estuário de Santos, em sua margem esquerda cercada por terminais portuários e indústrias, encontra-se o Sítio Conceiçãozinha. Uma região fortemente afetada pela poluição industrial, urbana e portuária. Na década de 1990, o local sofreu um processo de favelização. O registro de ocupação dessa área data de pelo menos do século XVII (LICHTI, 2002), mas existem também registros de ocupação do século XVIII, de acordo com Petrone (1965) e do século XIX por Silva Sobrinho (1957). Essa comunidade vivia de sítios e exploração dos recursos naturais até meados do século XX, porém, com a ocupação dos territórios terrestres dessa comunidade eles ganharam os espaços de água e a pesca tornou-se a principal forma de produção do núcleo tradicional que ali habitava. Com a chegada de novos moradores, alguns deles entraram na pesca, devido ao desemprego e aos baixos salários.

O Canal de Bertioiga apresenta o ambiente natural mais preservado, em relação às outras áreas do estuário. Nele é possível encontrar extensas áreas de manguezais, Mata Atlântica, vegetação de restinga e diversos rios

com suas matas ciliares preservadas ou parcialmente preservadas. Por ser uma área relativamente distante do pólo industrial e do porto ela sofre menor influência de poluição, apesar de possuir diversas marinas, que também são bastante impactantes. Sua ocupação territorial consiste em algumas manchas urbanas, marinas, condomínios de luxo e comunidades caiçaras e de pescadores artesanais.

Dentre essas comunidades foram analisadas as do Sítio Cachoeira e da Ilha Diana. A primeira encontra-se na Serra do Guararu, próximo à desembocadura desse canal com o Oceano Atlântico. Já a Ilha Diana localiza-se no outro extremo do Canal de Bertioiga na junção deste com o Canal do Estuário. Ambas as comunidades apresentam íntima relação com o ambiente natural devido à boa preservação de seu entorno, como vêm na exploração pesqueira uma de suas principais fontes de renda e proteína.

Na região localizada no fundo do Estuário de Santos existem algumas comunidades de pescadores e caiçaras que são duramente afetadas pela poluição e ocupação desordenada do espaço. Pescadores de todo o estuário pescam nessa região, expondo-se à contaminação química e biológica. Mesmo sendo um importante pesqueiro com alto nível de poluição, seus recursos tornaram-se escassos com o decorrer dos anos. A comunidade estudada nessa área foi a Vila dos Pescadores.

#### COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa teve início por meio de contatos prévios em campo buscando uma melhor aproximação das pessoas e da região a ser investigada. Assim, pôde-se apresentar a proposta de trabalho realizada por meio de conversas com membros das comunidades. Os trabalhos sistemáticos de observação direta e entrevistas iniciaram-se no final de 2006 e perduraram por todo ano de 2007, em que foram realizadas diversas visitas a esses locais para a realização de contatos, conversas, entrevistas e observações de campo. As comunidades estudadas já eram conhecidas do autor devido ao curso de Especialização, parecer para a Procuradoria da República, à realização de inúmeras discussões sobre a questão ambiental, pesqueira e das comunidades tradicionais da região, nas quais o autor e alguns membros das comunidades participaram.

Para este trabalho utilizaram-se como base vinte entrevistas não-estruturadas, devidamente anotadas em caderno de campo e vinte e três semi-estruturadas, sendo estas gravadas. As entrevistas gravadas foram transcritas em cadernos para serem analisadas. Usou-se de caderneta de campo para anotar as observações e informações obtidas em campo. O processo de entrevista procurou utilizar e respeitar a forma de linguajar característica das comunidades e se evitou a utilização de termos técnicos e linguagem diferente do cotidiano local.

A escolha dos informantes privilegiou, inicialmente, os pescadores que tinham maior tempo de pesca, ou seja, os pescadores mais experientes. As histórias relatadas por esse grupo de velhos pescadores reportam as emoções vividas nas pescarias do passado e contidas na memória. Preferiu-se, a princípio, entrevistar pescadores e moradores mais velhos em idade, próximos ou em idade superiores aos sessenta anos, porém, no transcorrer dos trabalhos abriram-se exceções, pois outros depoentes puderam contribuir com informações relevantes, e assim, aumentou-se o número de depoimentos e pontos de vista levantados.

Esta pesquisa utilizou como base entrevistas não-estruturadas e semi-estruturadas com perguntas abertas, além de depoimentos orais de pescadores, caiçaras e moradores ribeirinhos, preferencialmente; aqueles reconhecidos pela comunidade como conhecedores dos temas tratados na região do estuário de Santos, SP. Os informantes foram escolhidos com base em contatos prévios com as comunidades locais – e estratificados em função de seu conhecimento sobre a atividade pesqueira, a ecologia estuarina e a história da população local e por terem informações relevantes a este projeto. Desse modo, procurou-se traçar um painel da visão que os pescadores e as comunidades têm dos problemas da região e seu modo de vida e de produção, incluindo-se as formas de escoamento do pescado, reconhecendo, inclusive, as diferenças internas ao grupo social.

A entrevista é um procedimento usual em trabalhos de campo. Sua aplicação permite obter informações objetivas e subjetivas contidas nas falas dos atores sociais (CRUZ NETO, 1996). As entrevistas podem ser fontes de informação secundária ou primária (MINAYO, 2000) e na presente pesquisa os depoimentos serviram como fontes primárias e foram confrontados e discutidos com base na literatura pertinente.

De acordo com a forma como se estrutura a entrevista, ela pode ser classificada de várias maneiras; dentre as diferentes classificações propostas por Minayo (2000) adotou-se o tipo de entrevista “não diretiva”, em que se aprofunda o tema por meio de conversa sem prévio roteiro. Viertler (2002) denomina entrevista “não-estruturada” quando esta ocorre em forma de um diálogo livre entre pesquisador e informante. As entrevistas semi-estruturadas ocorrem a partir de um roteiro básico, porém, não aplicado rigidamente o que permite ao pesquisador fazer adaptações, se necessário, e redefini-lo conforme o andamento da entrevista, a fim de canalizar o diálogo para o tema em questão, porém, permitindo ao entrevistado manifestar-se de forma mais informal (CRUZ NETO, 1996; VIERTLER, 2002; LÜDKE; ANDRÉ; 1986).

As entrevistas foram tratadas como relatos de memória, portanto, não apresentam necessariamente uma realidade histórica. Guimarães Neto (2000, p. 99) descreve que “os relatos não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo plural”, esse olhar reconstrói a passagem de um tempo a outro, sendo uma leitura e uma reinvenção a partir do presente.

As entrevistas semi-estruturadas foram tratadas à luz da História Oral, que é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevistas gravadas, a partir de um projeto de pesquisa e da articulação da entrevista com outros procedimentos (MEIHY, 2005). De acordo com Passarini (1993), as histórias orais transitam entre o mito e a história em um complexo em que a história oral se move continuamente. As informações obtidas por meio dos relatos têm que ter o mesmo rigor crítico utilizado nas outras fontes de pesquisa, sendo os relatos foram confrontados com outros documentos (GUIMARÃES NETO, 2000). De acordo com Freitas (2002), sendo um método por excelência voltado para informação viva, a História Oral abarca o período contemporâneo da História.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### COMPONENTES DA CADEIA PRODUTIVA

As comunidades de pescadores artesanais mantêm diferentes relações sociais, econômicas e produtivas diferentes da agricultura, em especial a agricultura de grande escala voltada para fornecer matéria prima para a indústria e a exportação. Essas relações também são diferentes da pesca industrial que objetiva capturar grandes quantidades de pescado para abastecer mercados consumidores muitas vezes distantes, por meio de uma complexa logística de transporte, industrialização, comércio e exportação.

O pescador artesanal dispõe de poucos recursos materiais para captura, transporte, armazenamento e comércio da produção, diferentemente da pesca industrial, que dispõe de uma infra-estrutura e logística, o que possibilita às vezes atuar em diferentes elos da cadeia produtiva do pescado, ocorrendo casos em que grupos empresariais dominam toda a cadeia. A atuação dessas empresas é gerenciada por técnicos burocratas que as administram, sem conhecer muitas vezes todo o processo, pois as atividades são desenvolvidas separadamente e as tarefas referentes a elas feitas por grupos de trabalho diferenciados (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1985).

Na pesca industrial o pescador torna-se um proletário e participa somente da captura do pescado em tripulações nas quais as funções são compartimentadas com grande especialização de tarefas. Ele perde o poder de decisão, exercido no escritório da empresa, que se organiza em diversos setores e se integra-verticalmente, nas funções de captura, processamento e comercialização. Na pesca artesanal, o pescado pertence ao pescador e é ele quem decide seu futuro, enquanto na pesca industrial a produção pertence à empresa, que é quem toma as decisões (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1985).

A seguir discutir-se-á a cadeia produtiva do pescado artesanal, com base nos depoimentos recolhidos e, em seguida, abordar-se-á a inserção do pescador na cadeia produtiva em diferentes elos.

Tomando como referência o método composto basicamente por cinco segmentos adotados pela EMBRAPA (SILVA, 2005), apresentado anteriormente, descrever-se-á a cadeia produtiva da pesca artesanal na Baixada Santista, que são os fornecedores de insumos, os pescadores, os fornecedores, comerciantes e mercado consumidor.

**Fornecedores de insumos:** são constituídos por empresas, comerciantes, atravessadores e artesãos que fornecem os produtos necessários –à pesca, ao armazenamento, transporte, processamento e comércio que o pescador artesanal e o núcleo familiar e comunitário necessitam para fazer a produção e seu escoamento.

O pescado tende a se deteriorar-rapidamente após ser retirado de seu ambiente; o método mais comum para conservá-lo em boas condições para consumo é deixá-lo em uma temperatura que retarde a ação microbiológica e enzimática que atua em sua deterioração, para o que se faz uso da “cadeia do frio”, que consiste em deixá-lo a baixas temperaturas com o intuito de preservá-lo. Dessa forma, os pescadores necessitam comprar gelo nos entrepostos e indústrias pesqueiras na região, principalmente, aqueles que saem para pescar e ficam mais de um dia fora, tornando-se nesses casos o gelo essencial. Nas últimas duas décadas, alguns pescadores compraram *freezer* e geladeiras para conservar o pescado em suas residências até o momento da venda ou consumo. No passado quando os pescadores do Sítio Cachoeira tinham acesso às praias de sua região, eles usavam, também, o sal para conservar o pescado, porém, após o fechamento das praias pelos condomínios de luxo, a técnica de salga com secagem ao sol para a conservação deixou de existir.

A captura na região é feita manualmente e com técnicas passivas e ativas que necessitam de diferentes apetrechos. No passado, os pescadores utilizavam linha de pesca e fios para tecerem a rede com tucum, conhecimento herdado dos índios, o que foi presenciado pelos primeiros cronistas na época da colonização, como, por exemplo, Staden (1974), Cardim (1980), Léry (1980) e Anchieta (1988). Mas, na primeira metade do século XX, já eram utilizadas linhas de algodão industrializadas, que foram substituídas nas décadas de 1960 e 1970 por linhas de nylon, adquiridas no comércio local ou de atravessadores e comerciantes que financiavam as redes em troca da fidelidade na venda da produção, o que muitas vezes era feito a preços irrisórios. Constatou-se que atualmente os fios de nylon, as linhas de pesca e as redes são adquiridas no comércio local. Há, também, pescadores especializados em confeccionar rede, comprando as linhas, chumbadas e bóias. No final da década de 1990 alguns pescadores do Sítio Conceiçãozinha começaram a tecer redes com cordone, inserindo, assim mais uma opção de matéria prima para confeccionar rede.

Até meados do século XX predominavam na região as canoas a remo utilizadas na pesca e no transporte regional, porém, com a escassez de árvores adequadas e posteriormente as restrições legais para o corte, esse tipo de

embarcação rareou e hoje está quase extinto. Essas canoas eram feitas por artesãos especializados da própria Baixada Santista ou encomendadas a mestres canoeiros de outros pontos do litoral. Havia, também, barcos pesqueiros como as traineiras que adquiriam canoas novas e usadas nos litorais paulista fluminense, paranaense e catarinense e revendiam em Santos, geralmente, o local dessas transações era o Mercado Municipal. A partir da década de 1950, começaram a tomar o lugar das canoas as chatas de madeira, que são barcos construídos por carpinteiros locais feitos de tabuas, chegando ao fim a era das canoas.

A partir da década de 1970, além das chatas começaram a se disseminar barcos de madeira equipados com motor de centro, movidos a óleo diesel. No início da década de 1990, influenciados por comerciantes locais, bancos e agências de crédito vários pescadores adquiriram barcos de alumínio com propulsão de motor de popa a gasolina. Porém, os custos de manutenção desses motores e o consumo de combustível são bem mais elevados do que os motores de centro, o que, juntamente com o fato de -esses barcos serem inapropriados para exercerem alguns tipos de pesca, fez que os pescadores perdessem logo o interesse por essas embarcações. Esses barcos exigem que os pescadores aumentem o esforço de pesca para conseguirem mantê-los; com o colapso da pesca estuarina dos anos 1990 ficou muito difícil manter esses barcos na pesca artesanal. Muitos que não conseguiram saldar seus financiamentos perderam os equipamentos. Houve, também, aqueles que não fizeram a manutenção adequada dos motores de popa, pois estes têm custos de manutenção mais elevados, e acabaram se deteriorando. Alguns pescadores que dispõem dessas embarcações aproveitam-nas para alugar para pescadores esportivos, empresas, pesquisadores e turistas que necessitam desse tipo de barco. Assim, criou-se uma atividade complementar à pesca.

Há diversos outros insumos adquiridos pelos pescadores no comércio, como sacos de rafia para prepararem armadilhas para capturar caranguejos, denominados localmente de redinha. Motores e outros utensílios são adquiridos também para montagem do escafandro que é utilizado na pesca de ostra pela comunidade do Sítio de Cachoeira, entre outros produtos adquiridos no comércio local.

Existem também produtos adquiridos com artesãos, além dos já citados, como, por exemplo, covos para capturas de peixes e ratoeiras para caranguejos, que, apesar do nome, servem para capturar esses crustáceos.

**Pescadores:** são os trabalhadores que vivem diretamente da exploração do estuário, baía, mar, rios, mangues, costões rochosos e arenosos. Existem pescadores que vivem exclusivamente da pesca, outros a têm como atividade principal, há aqueles que a fazem como complementar e existem as pessoas que por passarem dificuldades financeiras pescam, pois esta é uma importante fonte de proteína. Ribeiro Neto e Oliveira (1989) e Moreira Junior

(2008) identificaram pessoas que alternam trabalho na pesca e na sociedade envolvente, tanto no setor formal, quanto informal.

**Processadores:** são os que propiciam alguma transformação no pescado que pode conseqüentemente agregar valor. O beneficiamento mais comum é a limpeza do peixe, ou, como dizem os caixaras, “consertar o peixe”;<sup>35</sup> essa ação não agrega valor ao peixe, porém, muitos consumidores pedem que seja feita essa limpeza. Também isso acontece quando se faz a limpeza: do camarão, tirando-lhe cabeça e casca; do marisco e berbigão, tirando-lhes as valvas e do siri e caranguejo, retirando-lhes a carne da carapaça, o que produz um aumento considerável do valor do pescado.

O beneficiamento do pescado pode ser realizado pelo próprio pescador e seus familiares, por pequenas processadoras de propriedade familiar que não tem registro nos órgãos governamentais, que desejam ampliar seus ganhos, e por comerciantes e indústrias especializadas, que costumam embalar as mercadorias e seguem padrões determinados pela legislação e órgãos que regulam o comércio de alimentos.

**Comerciantes:** são os que vendem o pescado no atacado e ou no varejo. Estes têm diferentes portes que vão desde aqueles que atendem o mercado local, até os que comercializam o pescado em outras regiões do país e até do exterior.

Tratar-se-á das formas por meio das quais o pescador comercializa a produção mais adiante, neste momento serão discutidos, de forma geral, as diferentes maneiras como ocorre a comercialização do pescado.

É comum encontrar na região, pequenos comerciantes ambulantes que compram o pescado diretamente do pescador ou que com esses mantêm parceria. Podem-se citar, como exemplo, os vendedores de caranguejo: há os que vendem porta a porta, os ambulantes que têm bicicletas adaptadas e vendem pelas ruas e as barracas de feiras e bancas de peixes que se encontram por toda a região.

Além disso há bares, restaurantes, padarias, lanchonetes, casas noturnas, peixarias, quiosques e barracas de praia que atendem a diferentes classes sociais. Também são importantes comercializadores de pescado produzido localmente, que podem ser adquiridos diretamente com os pescadores ou atacadistas e atravessadores.

Os atravessadores são responsáveis por um volume considerável de pescado proveniente da pesca artesanal que é escoado para a Região Metropolitana de São Paulo – RMSP, para o interior do estado e outras localidades do Brasil. A relação entre os pescadores e atravessadores varia entre harmoniosa e conflituosa, passando por indiferente.

Diegues (1983), no litoral norte paulista, na primeira metade da década de 1970 e Mourão (1971), no final da década de 1960, no Vale do Ribeira, localizado no litoral sul do Estado de São Paulo, relataram a dependência que os pescadores locais tinham dos atravessadores que lhes compravam a

produção pagando preços muito baixos; muitas vezes os atravessadores financiavam apetrechos de pesca em troca da fidelidade na venda, o que propiciava uma situação de dependência do pescador artesanal em relação aos mesmos, o que se agravava quando o atravessador era proprietário ou sócio da rede e ou do barco. Ambas as localidades se situavam distantes de grandes centros consumidores e em uma época em que não eram difundidas na pesca de pequena escala tecnologias de conservação eficientes, a perecibilidade do produto limitava as opções dos pescadores deixando-os vulneráveis a serem explorados.

Na Baixada Santista, também, houve esse modelo de exploração do pescador, porém, como a região tem um grande mercado consumidor e está perto da RMSP, que é outro grande mercado, essa exploração não se deu de forma intensa, como em outros pontos do litoral. Pescadores que necessitavam comprar apetrechos e ou embarcações podiam se endividar com atravessadores, porém, sempre havia a possibilidade de vender parte da produção para outros compradores a preços melhores, que forçava os atravessadores a pagarem o que os pescadores achavam mais justo.

O estuário da Baixada Santista é fortemente poluído, tendo a poluição sido mais intensa nas décadas de 1970 e 1980 (ABESSA, 2002; CETESB, 2001); de acordo com os relatos essa poluição influenciava na qualidade do pescado, o que fazia com que este perdesse valor e até, em muitos momentos, chegando a ser inviável a venda devido à péssima qualidade. Atravessadores se especializaram em comprar a produção da pesca artesanal de Cubatão pagando valores muito baixos e a misturavam em meio a lotes de peixe adquiridos dos barcos industriais e dos artesanais de áreas menos poluídas e vendendo na RMSP e no interior do Estado de São Paulo. Nessa época chegou a haver dependência de muitos pescadores em relação aos atravessadores que tinham essa prática, pois estes chegavam a absorver quase toda a produção local. Trabalhos, como os de Abessa (2002) e da CETESB (2001), juntamente com os depoimentos recolhidos indicam que a poluição amenizou nas décadas seguintes e, conseqüentemente, a dependência dos pescadores em relação aos atravessadores. Porém, deve-se destacar que essa prática ainda é comum na região.

Vários depoimentos indicam que os atravessadores cumprem um importante papel no escoamento da produção, pois são uma opção a mais para a venda do pescado. As diferentes possibilidades de venda do pescado propiciam ao pescador maior poder de barganha sem criar dependência dos seus compradores, salvo exceções.

Além da venda do pescado para consumo alimentar, muitos pescadores se especializaram em pescar camarão-branco (*Penaeus schimitti*) para ser utilizado como isca viva por pescadores esportivos, porém, essa atividade sofreu um declínio na última década devido ao fato de algumas marinas da região terem começado a criar e ou comercializar de forma irregular um

camarão exótico, o *Sitopenaeus vannamei*, que, por ser criado intensivamente, tem preço de venda inferior ao camarão-branco. Assim, os pescadores esportivos preferem comprar esse camarão exótico. A criação e venda como isca viva do *Sitopenaeus vannamei* é proibida na região, porém algumas marinas burlam a legalidade e criam uma situação de prejuízo para o pescador artesanal. Apesar dos órgãos de fiscalização combaterem essa prática, ela vem persistindo, o que provoca uma série de reclamações dos pescadores artesanais, já que essa atividade se torna mais um empecilho para a manutenção do modo de produção e da qualidade de sua vida.

**Mercado consumidor:** é o ultimo elo da cadeia produtiva, constituído pelos consumidores finais do pescado.

Segundo dados de Afonso (1999), as cidades da Baixada Santista que se localizam entorno do estuário tinham uma população de 1.117.904 pessoas distribuídas da seguinte forma: Santos, 428.421 habitantes, São Vicente, 267.445, Guarujá, 208.818, Praia Grande, 122.354 e Cubatão, 90.866 habitantes. Essa população aumenta consideravelmente nos finais de semana prolongados, no verão e nas férias escolares de julho. Segundo Gefe et al. (2004), um levantamento parcial constatou que existem 2.731 pescadores artesanais na Baixada Santista. Porém, acredita-se que esse número seja bem maior, já que o levantamento não foi concluído ainda; além disso, existem pescadores que atuam na ilegalidade, alternando períodos de trabalho na sociedade envolvente com a pesca, constatado em Ribeiro Neto e Oliveira (1989) e Moreira Junior (2008).

Além da população residente e flutuante da Baixada Santista, esta se encontra próxima da RMSP que absorve grande quantidade de pescado, pois muito é comercializado diretamente, por meio da ação de pescadores, atravessadores, atacadistas e comerciantes.

#### A INSERÇÃO DO PESCADOR ARTESANAL NA CADEIA PRODUTIVA

A inserção do pescador artesanal, sua família e da comunidade na cadeia produtiva do pescado é assunto de grande importância para o entendimento das dinâmicas sociais e econômicas dessas comunidades, pois constituem uma parte fundamental no modo de produção, já que é onde o produto da pesca se transforma em mercadoria.

O pescador pode praticar uma ou diferentes maneiras de escoar sua produção que pode permanecer a mesma, pode transformar-se e, ainda, coexistir simultaneamente com outras, seja por um certo período de tempo e, até mesmo, ao longo da vida. A cadeia produtiva não é estática, ocorrem variações por época do ano, tipo de recurso e oportunidades que aparecem ao longo da vida

Além do consumo e da venda, as comunidades têm outras diferentes formas de escoar a produção do pescado, como, por exemplo, a doação, o escambo e o mutirão.

Pescadores costumam doar parte do pescado para outras famílias da vizinhança, sendo estas necessitadas ou não, fortalecendo, assim, os laços comunitários e mantendo o princípio da reciprocidade, o que lhes possibilitaria receber auxílio comunitário futuro.

O escambo, apesar de na atualidade ser raro, no passado era um importante mecanismo de as famílias conseguirem produtos que não produziam ou de que não dispunham no momento, principalmente, no tempo em que as roças faziam parte do meio de produção local e os centros urbanos e comerciais estavam distantes.

O mutirão é uma maneira de organização social pela qual as pessoas se unem para fazer uma tarefa. Antigamente os mutirões eram comuns nas comunidades, porém, com as mudanças no modo de vida devido às transformações espaciais e de modos de produção e convívio, essas atividades tornaram-se raras. Além das tarefas que a comunidade se organizava para realizar, havia aqueles responsáveis pela alimentação, uma parte deles pescava para as refeições do grupo.

A seguir tratar-se-á, de maneira simplificada, dos diferentes elos da cadeia produtiva da venda do pescado identificados, no qual os pescadores e seus familiares se inserem diretamente.

**Pescador//artesão:** os pescadores artesãos podem ser considerados fornecedores de insumos, pois a confecção de redes, embarcações e armadilhas são uma necessidade constante. Os apetrechos se deterioram com o uso e há necessidade de reparação e reposição. Existem pescadores que dominam a arte de fazer redes, armadilhas e a carpintaria, assim, além da pesca, mantêm uma renda extra com a produção desses apetrechos, embora alguns pescadores também produzam seus próprios utensílios.

**Pescador/consumidor:** famílias de pescadores artesanais consomem parte da produção, o pescado é um alimento sempre presente, porém não deve ser entendido como única fonte protéica. Carnes bovina, suína e de aves também faz parte da dieta das famílias. O que vai determinar a variedade e a quantidade dessas fontes protéicas são a preferência e a condição de adquiri-las. O próprio pescado constitui também grande diversidade de alimentos, como diferentes tipos de peixes, moluscos e crustáceos. Algumas pessoas, por opção ou por estarem desempregadas, subempregadas ou ainda em dificuldades financeiras, têm na pesca uma importante fonte de proteína, mesmo não sendo pescadores profissionais.

**Pescador/comerciante:** muitos pescadores e seus familiares vendem a produção diretamente ao consumidor, isso ocorre principalmente em bairros mais populosos como é o caso da Vila dos Pescadores e do Sítio Conceiçãozinha, onde muitas famílias, por terem outras atividades, consomem o pescado produzido localmente, até mesmo por este ter preço, muitas vezes, compensador em relação a outras carnes compradas no comércio na cidade. Há também aqueles que têm um estabelecimento onde vendem dire-

tamente para o consumidor sua produção. Isso é realizado de diferentes maneiras, como: por meio do comércio ambulante, tendo o pescador um carro ou uma bicicleta de carga especial para transportar e comercializar pescado ou ainda uma barraca para venda do produto; alguns possuem uma venda ou peixaria para venda *in natura*; outros têm bares ou restaurantes. Uns são donos de pequenas marinas, em que alugam barcos, servem como guias de pesca e vendem pescado para consumo e camarão-branco como isca viva para pescadores esportivos.

**Pescador/atravessador:** nos depoimentos constatou-se que havia, no passado, pescadores que, além de vender sua produção, também, compravam a de colegas e revendiam para comerciantes e atacadistas na região e na Capital. Essa atividade, aparentemente, era rara nas comunidades estudadas, mas, quando existia, era feita em pequenas proporções e não possibilitava o acúmulo de capital significativo. Aparentemente hoje ela não é mais realizada, provavelmente devido à falência do setor que não possibilita ao pescador ter um capital de giro. O motivo da interrupção dessa prática pelos antigos pescadores/atravessadores não foi identificado.

**Pescador/beneficiador:** alguns pescadores beneficiam o pescado para agregar valor e diversificar os clientes. Esse beneficiamento pode ser a retirada das valvas de moluscos, o filetagem de peixes, a descarnação do siri, a limpeza e salgado do camarão, o congelamento, entre outros. No Sítio Conceiçãozinha um pescador construiu um cômodo em palafita sobre o mangue que fica atrás de sua casa para beneficiar o pescado, isto, porém, é raro. O Instituto de Pesca de São Paulo recentemente investiu em algumas capacitações para beneficiamento do pescado, porém, nos trabalhos de campo não se identificaram resultados. O beneficiamento pode ser para a venda ao: consumidor, comerciante ou atravessador. Há, também, pescadores que compram pescado para beneficiar e vender, o que costuma ocorrer quando têm uma encomenda, superior a sua própria produção.

## RECURSOS PESQUEIROS

Os recursos pesqueiros da pesca artesanal na região são basicamente bivalves, crustáceos e peixes. Pelo que foi levantado na revisão bibliográfica e em conversas com especialistas não há levantamento sobre a quantidade de recursos explorados nem a participação de cada um desses três grupos na pesca artesanal. Os trabalhos de levantamento dos recursos tendo como alvo da pesca artesanal na região foram feitos basicamente por meio de questionários estruturados e semi-estruturados, como parte complementar de algum outro estudo, que não tenha este como foco da pesquisa, assim, são limitadas as informações referentes a essa atividade extrativista.

A produção está sempre condicionada a fatores ambientais, tanto previsíveis como as estações do ano, quanto imprevisíveis como alguns fenômenos meteorológicos ou oceanográficos. Existe uma variação na disponibilidade do pescado durante o ano, pois há aqueles que são perenes, mas muitos têm suas safras em determinadas época, portanto, não estão disponíveis sempre.

Moreira Junior (2008) e Ribeiro Neto e Oliveira (1989) identificaram que na região estudada existem pescadores que atuam de forma mono-específica, ou seja, direcionam seus esforços para somente um tipo de recurso, como, por exemplo, os pescadores de caranguejo, camarão ou peixes e os que atuam de forma multi-específica, que exploram diferentes pescados se adaptando às safras anuais, às variações ambientais e à demanda de consumo. Para Ribeiro Neto e Oliveira (1989), os pescadores multi-específicos têm ganhos maiores e, conseqüentemente, um melhor padrão de vida do que aqueles que se concentram em apenas um ou outro tipo de pesca, pois têm maior disponibilidade de recurso durante todo o ano e, conseqüentemente, mercadoria e clientes. Também, deve-se considerar sempre o fator sorte na atividade pesqueira, principalmente, quando as espécies alvo são de grande mobilidade, como, por exemplo, os peixes pelágicos.

## BIVALVE

Um dos recursos explorados na região estuarina na Baixada Santista são os bivalves, que são uma importante fonte de renda para as comunidades ribeirinhas. Porém, nos últimos anos a oferta desse recurso pelo ambiente local vem decaindo, o que faz com que os que vivem da cata e do comércio desses moluscos, percam poder aquisitivo ou necessitem complementar a renda com outras atividades.

Os bivalves são animais filtradores, característica que os torna susceptíveis à acumulação de poluentes, como metais pesados e organoclorados. Como a região é bastante poluída, seu comércio e consumo tornam-se difíceis, ocasionando uma dificuldade a mais no trabalho do pescador, que vai perder o poder de venda para a população local. Esse produto tem uma aceitação mais fácil entre os turistas da capital e do interior.

Nas comunidades estudadas, os bivalves foram importantes na economia geral no passado. Algumas famílias deram atenção maior à coleta desses moluscos em especial na Ilha Diana e Sítio Cachoeira, onde constituem que é um recurso importante até hoje. Até os finais dos anos 60, esses animais eram bastante comuns em toda a região, mas seu estoque foi declinando até perder a importância. Atualmente, nas regiões do Sítio Conceiçãozinha e da Vila dos Pescadores não é mais praticada como atividade comercial. Os manguezais, rios, costões rochosos e o estuário eram os locais nos quais os

bivalves eram extraídos, porém, com a sistemática ocupação e degradação dos territórios de pesca, em muitos locais já não é mais possível encontrar esses organismos em quantidade suficiente para manter uma pesca de caráter comercial.

Ribeiro Neto e Oliveira (1989) identificaram que, já no final dos anos 70 e anos 80, a pesca dos bivalves era feita no Canal de Bertiooga e os pescadores que a exerciam necessitavam de um conhecimento mais apurado. Os que tinham entrado na pesca recentemente não dispunham do conhecimento necessário para exercer a extração desses animais, pois utilizavam o escafandro para pescá-los, assim não a praticavam. A venda desse molusco, efetuada por esses pesquisadores, era feita para restaurantes da Baixada Santista e São Paulo, tendo sido também constatado neste trabalho que vendiam diretamente para os turistas e no Terminal Pesqueiro de Santos bem como no Mercado de Peixe da Ponta da Praia em Santos.

O escafandro possibilita que o mergulhador fique entre uma hora e uma hora e meia submerso, o que permite extrair cerca de vinte dúzias de ostras pequenas. Os pescadores estudados fazem o manejo dos locais de pesca. Preocupam-se com as limitações dos estoques, dessa forma, além do Canal de Bertiooga, eles também pescam no Rio Guaratuba, fazendo, assim, rotatividade dos pesqueiros, o que permite a recomposição dos estoques.

Um pescador do Sítio Conceiçãozinha no ano de 2000 montou um viveiro de ostras no Canal de Bertiooga. Consistia em um trapiche de madeira que saía da margem do canal ao lado da Rodovia Guarujá – Bertiooga e avançava alguns metros dentro da água. Construiu com a ajuda dos colegas, sem qualquer autorização do poder público. Apesar de o viveiro ter durado apenas alguns meses, sua produção modesta vinha aumentando progressivamente, mesmo assim, esse pescador necessitava pescar, já que o viveiro não propiciava renda suficiente, mas uma pequena complementação por estar no início de sua atividade. Esse pescador declarou que, após alguns meses, a prefeitura do Guarujá desmanchou seu trapiche por falta de autorização.

Entre outros bivalves estão o berbigão e o marisco, que foram muito explorados no passado, mas, com o tempo, seus estoques declinaram sensivelmente. Eram comercializados para pessoas, restaurantes, barracas de praia e atravessadores. O berbigão era vendido especialmente para a colônia japonesa. Os caiçaras não apreciavam seu paladar. Atualmente, o marisco tem importância nas comunidades da Ilha Diana e Sítio Cachoeira. As outras duas comunidades analisadas neste trabalho, praticamente, não exploram mais esses recursos.

Além dos bivalves, outro molusco capturado dentro do estuário é o polvo. Registrou-se somente um caso em que um pescador do Sítio Conceiçãozinha, morador na beira do canal do estuário, mantém potes verificados diariamente, para ver se capturou algum animal. Estes são consumidos pela própria família.

## CRUSTÁCEOS

Os crustáceos, juntamente com os peixes são, a base da economia pesqueira da comunidade. O camarão, o siri e o caranguejo sempre estiveram presentes na pesca das comunidades pela sua abundância e pela facilidade de obter esses recursos, sendo os pesqueiros de fácil acesso, além do paladar, que é muito apreciado. O pitu, que era pescado nos rios Pouca Saúde e Santo Amaro, entre outros rios, quase não é mais encontrado em quantidade que valha efetuar a pesca comercial.

O caranguejo tem seu período de captura entre novembro e fevereiro, sendo o pico em dezembro, quando o animal está no período reprodutivo, segundo os informantes. Quando chove, esses animais saem das tocas e são facilmente capturados. No período de estiagem utiliza-se de uma técnica de cobrir as entradas das tocas com folhas para provocar a saída do animal (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989). Em certos locais na Baixada Santista e em outros pontos do litoral, grandes comerciantes de caranguejo estão incentivando a colocação de uma redinha na boca da toca e, quando o caranguejo sai, ele se emalha e é capturado.

A coleta de caranguejo não requer muitos conhecimentos, nem equipamentos especiais. É a atividade mais simples de exploração do estuário. Pessoas que não praticam nenhuma outra atividade de exploração ou recém iniciados na pesca catam caranguejo devido à facilidade como isso pode ser realizado (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989).

O siri também é um importante recurso na região. De fácil captura e sem requerer grandes equipamentos, é praticado tanto por pescadores quanto por pessoas que têm na pesca apenas uma complementação alimentar. Os pescadores artesanais consideram a pesca do siri como atividade menor, o que foi verificado tanto no Sítio Conceiçãozinha durante as entrevistas, quanto na Vila dos Pescadores por Ribeiro Neto e Oliveira (1989). Com a crise na pesca artesanal estuarina foi presenciado um antigo pescador artesanal que no início dos trabalhos considerava a pesca do siri como uma atividade menos nobre, porém, no encerramento dos trabalhos de campo verificou-se que ele estava comercializando esse produto, pois passava por dificuldades financeiras.

As espécies e a ecologia dos siris no estuário e na Baía de Santos foram estudadas por Pita et al. (1985) e Moreira et al. (1988), foram identificadas cinco espécies: siri verdadeiro ou siri patola, *Callinectes sapidus*, siri espadinha, *C. danae*, siri cagão, *C. bocourti*, *C. larvatus* e *C. ornatus*, não sendo as duas últimas sido identificadas por nomes populares.

Os siris são vendidos diretamente para o consumidor, peixeiros e no Mercado de Peixe da Ponta da Praia em Santos. Como é fácil sua captura e é um recurso abundante, ele é uma importante complementação protéica nas comunidades.

O camarão-branco (*Penaeus schimitti*) é o recurso mais valioso para a pesca na região estuarina da Baixada Santista, devido ao seu grande valor comercial e facilidade de captura. A pesca é realizada com tarrafá de 12 mm, fácil de manejar e baixo custo (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989). Os pescadores do Sítio Conceiçãozinha fazem a pesca de arrasto na Baía de Santos e os do Sítio Cachoeira na boca da barra do canal de Bertioga, e ambas as comunidades também pescam na região costeira onde capturam o camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*).

No passado a pesca era bastante farta e os pescadores da região declararam que ela contribuía para terem um nível de vida satisfatório, já que os ganhos com ela eram compensadores. Com a degradação ambiental pela ocupação do espaço e pela poluição, diversas áreas deixaram de ter relevância para a pesca de caráter comercial.

Atualmente, mesmo com o declínio dos estoques de camarão e com o baixo volume da produção dos pescadores, comparando-se com o passado, essa pesca continua sendo de grande relevância.

O camarão se reproduz na região costeira no período de primavera. Suas larvas se dirigem para o alto estuário onde crescem nos manguezais e áreas rasas. A partir de janeiro/fevereiro, os indivíduos jovens iniciam seu retorno ao mar, que ocorrerá durante todo o verão e o outono. No começo da safra do camarão, os pescadores procuram pescar mais próximo ao alto estuário e vão acompanhando os estoques em sua migração rumo à costa (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989).

O camarão tem fácil aceitação no consumo mesmo sendo do estuário. Ele é comercializado em diversos locais como, por exemplo, o Mercado Municipal de Santos, no bairro da Ponta da Praia em Santos, vendido para os comerciantes, evitando a ação de atravessadores e diretamente para o próprio consumidor.

Outra opção de venda do camarão é como isca viva para pescadores amadores que o utilizam com o anzol. A pesca para a venda do camarão dura o ano todo, pois se baseia na captura de pequenas quantidades que podem ser pescados em qualquer época do ano. Ainda há um período de defeso que protege os estoques (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989). Os pescadores têm uma opção de complementação de renda com a pesca de isca viva. Algumas vezes, além de venderem a isca, o pescador artesanal leva o pescador amador a pesqueiros onde ele possa capturar o pescado mais facilmente do que se ele fosse pescar sem conhecer os locais mais piscosos. Isso permite que o pescador artesanal ganhe uma diária de trabalho, cujo lucro ele sabe que é confiável, já que não depende da possibilidade e da quantidade de pescado capturado.

## PEIXES

A pesca de peixes de grande porte é a base da pesca multi – específica, já que estes têm maior valor comercial, como a tainha (*Mugel platunus*), a pescada branca (*Cynoscion leiarchus*), a pescada amarela (*C. acoupa*) e os robalos (*Centroponus spp.*), porém, estes peixes não são comuns no estuário. Por serem relativamente raros, muitos pescadores optam pela captura do parati (*Mugil curema*), de pequeno valor comercial, mas encontrado em grande quantidade e de fácil captura. Os bagres (*Netuma barba*, *Catharops spexii*, *Genidens genidens* etc.) são também capturados em grandes quantidades, mas têm baixo valor comercial (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989).

Existem dois períodos distintos de pesca de peixes no estuário: a pesca de inverno, que se estende de maio/junho a agosto/setembro, período no qual há a captura principalmente de tainhas e paratis. e a pesca de verão, que corresponde ao período de outubro/novembro a janeiro/fevereiro, no qual a captura é mais abundante e diversificada, com a exploração de bagres, paratis, pescadas, robalos, tainhas, caratingas, carapebas e espadas (RIBEIRO NETO; OLIVEIRA, 1989).

Segundo Ribeiro Neto e Oliveira (1989), os dois períodos de pesca estão associados ao ciclo anual da comunidade de peixes. No inverno, a abundância e diversidade de peixes são menores e a pesca então se concentra nas únicas espécies mais abundantes neste período, que são a tainha e o parati. No verão, a pesca é diversificada com a captura de um maior número de espécies.

Os pescadores pescam no estuário, rios, gamboas, na Baía de Santos e na região costeira. Os peixes, juntamente, com o camarão são os principais recursos explorados pelas comunidades.

Havia, também, a pesca do cará, peixe de água doce que se pescava subindo alguns rios. Porém, atualmente, essa pesca não existe mais em caráter comercial, quando muito um ou outro cará é capturado para consumo próprio. Os depoimentos indicam que isso se deu devido à degradação ambiental e a sobrepesca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades de pescadores artesanais e caiçaras mantêm diferentes estratégias de escoamento da produção do pescado. O pescador pode apresentar uma ou diferentes maneiras de escoar sua produção que pode permanecer a mesma, pode transformar-se e, ainda, coexistir simultaneamente ou por um período de tempo e, até mesmo, ao longo da vida. A cadeia produtiva não é estática, ocorrem variações por época do ano, tipo de recurso e oportunidades que aparecem ao longo da vida. O escoamento da produção identificado foi: consumo familiar, doação, escambo, comércio e perdas.

A produção nem sempre entra em uma lógica de mercado, pois ela assume também papéis sociais e culturais, quando é doada a membros da comunidade, trocada por outras mercadorias. Essas são práticas muito antigas no universo caiçara e da pesca, que fortalecem e mantêm determinadas relações sociais do grupo e sua identidade.

Dentro da cadeia produtiva do pescado, o pescador assume diferentes papéis, como de fornecedor de insumos, que são os artesãos; os produtores; os comerciantes atacadistas e varejistas, os beneficiadores e os atravessadores. Essas atividades são feitas dentro de universo formal e informal da economia, em que muitas vezes os pescadores se movem continuamente e até mesmo ocupando os dois espaços.

Os pescadores apresentam grande diversidade e adaptabilidade de inserção na cadeia produtiva, mesmo sendo um segmento da sociedade muitas vezes marginalizado e discriminado, pois faltam políticas públicas para a preservação do ambiente natural, do recurso e da qualidade de vida dessa parcela da sociedade. Há, também, ausência de uma intervenção do Estado para regular a cadeia produtiva do pescado de origem artesanal, já que esta se encontra dentro de uma regulamentação que foi feita para atender à cadeia produtiva industrial, estando tanto o pequeno produtor, quanto o beneficiador e o comerciante legados à marginalização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABESSA, D. M. S. *Avaliação da qualidade de sedimentos do Sistema Estuarino de Santos, SP*. São Paulo, 2002. 290 f. Tese (Doutorado em Oceanografia) - Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo.
- AFONSO, C. M. *Uso e ocupação do solo na zona costeira do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.
- ANCHIETA, J.. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte/Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1988.
- CARDIM, F. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1980.
- CASTRO, A. M. G.; COBBE, R. V.; GOEDERT, W. J. *Prospecção de demandas tecnológicas: manual metodológico para o SNPA*. Brasília: Embrapa/DPD, 1995.
- CETESB - Companhia Estadual de Saneamento Ambiental. *Relatório Sistema Estuarino de Santos e São Vicente*. São Paulo: relatório técnico, 2001.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.51-66.
- DIEGUES, A.C. *Pescadores camponeses trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- FREITAS, S. M. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. *Commodity chains and global capitalism*. Westport: Greenwood Press, 1944.

GEFE, W.; AMORIM, L. F.; AMORIM, A. F. Aspectos sócio-econômicos da pesca artesanal na região da baixada Santista. Santos(SP): CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA AMBIENTAL E SAÚDE, 3., 2004, julho. *Resumo expandido*... Santos. V. 1, p. 206-209.

GUIMARÃES NETO, R. B. Artes da Memória, fontes orais e relatos históricos. *Rev. História e Perspectiva*, Uberlândia, (23): 99-114, 2000.

LÉRY, J.. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte/Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1980.

LICHTI, F. M. *Poliantêia de Bertioga, 1531 – 2002, da colonização ao século XXI*. 1ª edição. São Vicente: Gráfica e Editora Vice-Rei, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, S. C. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática. 1986.

MEIHY, J. S. B. *Manual de História oral*. 5 ed. São Paulo: Loyola. 2005.

MINAYO, M. C. de S.. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOREIRA JUNIOR, W. *A pesca artesanal no complexo estuarino da Baixada Santista (SP) e sua relação com os impactos ambientais na perspectiva das comunidades locais*. 2008. 300f. Dissertação (Mestrado em Pesca). Instituto de Pesca/APTA/SAA-SP. São Paulo.

MOREIRA, P.S.; PAIVA-FILHO, A.M.; OKIDA, C.M.; SCHMIEGELOW, J.M.M.; GIANNINI, R.. Bioecologia de crustáceo decápodos braquiúros, no sistema baía-estuário de Santos e São Vicente, SP, I. Ocorrência e Composição. *Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo*, 36 (1/2): 55-62, 1988.

MOURÃO, F. A. A. *Os pescadores do litoral sul de São Paulo*. Um estudo de sociologia *Diferencial*. 1971. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASSARINE, L. Mitografia em história oral. *Revista Projeto Historia*. São Paulo, v. 10: 29-40, 1993.

PETRONE, P. O povoamento antigo e a circulação. In: *A Baixada Santista; aspectos geográficos*. São Paulo: EDUSP, 1965. p. 11-138.

PITA, J. B. et al. Levantamento da família Portunidae (Crustacea, Decapoda, Brachyura) no complexo baía-estuário de Santos, São Paulo, Brasil. *B. Inst. Pesca, São Paulo*, 12(3):153-162, 1985.

RIBEIRO NETO, F. B.; OLIVEIRA, M. F. *Estratégias de sobrevivência de comunidades litorâneas em regiões ecologicamente degradadas: o caso da Baixada Santista*. São Paulo: F. Ford/IUCM/IOUSP, 1989.

SCHULTZ, G. *As cadeias produtivas dos alimentos orgânicos comercializados na Feira da Agricultura Ecológica em Porto Alegre/RS: lógica de produção e/ou de distribuição*.

2001. 181f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios)-Centro de Estudos e Pesquisa em Agronegócio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, L. C.. *Cadeia produtiva de produtos agrícolas*. Boletim Técnico. 10f. Departamento de Engenharia Rural. Universidade federal do Espírito Santo, 2005.

SILVA SOBRINHO, C. Romagem pela terra dos Andradas. Rio de Janeiro. s. ed., 1957.

STADEN, H. *Dois viagens ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1974.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROSO, M. C. M.; MING, L. C.; PEREIRA DA SILVA, S. M.. *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia/ UNESP, 2002.

ZYLBERSZTAJN, D. Agribusiness: conceito, dimensões e tendências. In: FAGUNDES, M. H. (Org.). *Políticas agrícolas e comércio mundial*. Brasília: IPEA, 1994. p. 351-379. (Estudos de Política Agrícola, 28).